

CUADERNOS DE  
**R E C I E N V E N I D O**

**HOMENAJE A NÉSTOR PERLONGHER**

HAROLDO DE CAMPOS  
Réquiem

GLAUCO MATTOSO  
Soneto 434  
A Néstor Perlongher

PAULA SIGANEVICH  
A propósito de *Evita vive y otras prosas*

ROBERTO ECHAVARREN  
Néstor Perlongher: muerte lúbrica y trasposición artística

NICOLÁS ROSA  
De estos polvos, estos lodos...

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

## **CUADERNOS DE RECIENVENIDO/18**

*Publicação do Programa de Pós-Graduação  
em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana*

Editor: JORGE SCHWARTZ

Assistente Editorial: GÊNESE ANDRADE

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Modernas

---

H765 Homenaje a Néstor Perlongher . - São Paulo : Humanitas / FFLCH / USP, 2002.

52 p. (Cuadernos de Recienvenido, 18)

Conteúdo: Réquiem / Haroldo de Campos  
- Soneto 434 a Néstor Perlongher / Glauco Mattoso - A propósito de Evita vive y otras prosas / Paula Siganevich - Néstor Perlongher: muerte lúbrica y trasposición artística / Roberto Echavarren - De estos polvos, estos lodos... / Nicolás Rosa

ISSN 1413-8255

1. Poesía - Argentina 2. Literatura Hispano-Americana 3. Neobarroco 4. Néstor Perlongher (1949-1992) I. Campos, Haroldo de II. Mattoso, Glauco III. Siganevich, Paula IV. Echavarren, Roberto V. Rosa, Nicolás VI. Série

CDD 868.0982

---



by Haroldo de Campos, Glauco Mattoso, Paula Siganevich, Roberto Echavarren and Nicolás Rosa

Copyright © 2002



## NOTA EDITORIAL

**N**o momento em que registramos os dez anos do falecimento de Néstor Perlongher (1949-1992), em São Paulo, nada mais oportuno do que esta homenagem. Ela se faz a partir da mesa-redonda realizada no auditório da Fnac-Pinheiros, em 04 de abril de 2001, que contou com a participação de Paula Siganevich, Roberto Echavarren, Nicolás Rosa, Haroldo de Campos além de Glauco Mattoso, em meio à platéia, tendo sido lançado, na ocasião, o livro do homenageado *Evita vive e outras prosas*, editado pela Iluminuras.

Foram também dez os anos da permanência de Néstor nesta cidade. Presença fulgurante e polifacética, ele oscilou entre Buenos Aires e São Paulo, aqui permanecendo em uma espécie de exílio voluntário, movido por uma irresistível atração pelo viés tropical, que Glauco Mattoso apelidou de “mulatude”.

Poeta, antropólogo, militante da política homossexual, Perlongher a certa altura despertou para o misticismo da seita do Santo Daime, de origem amazônica. Orgulhoso por ter nascido no bairro bonaerense de Avellaneda, foi aqui que se concentrou o período mais fecundo de sua vida, em todos os sentidos. De um total de seis livros de poemas, só o primeiro deles, *Austria-Hungría*, foi totalmente produzido em Buenos Aires; os demais foram lavra paulistana. Seu barroquíssimo espanhol manteve-se imutável. Ou melhor, ele foi enriquecido por suas fecundas abordagens doportunhol, sendo hoje considerado precursor nos meios lingüísticos locais. Foi também no Brasil que ele produziu seu trabalho teórico mais sólido, a lamacenta teoria do riopratense “neobarroso”, publicada em *Caribe Transplatino* (Iluminuras, 1991), corroborada pelo que seria seu paideuma poético: Lezama Lima, Severo Sarduy, José Kozer, Osvaldo Lamborghini, Roberto Echavarren, Arturo Carrera, Eduardo Milán e Tamara Kamenszain.

O diálogo que manteve com escritores, críticos, jornalistas, editores, antropólogos e psicanalistas brasileiros foi intenso e se deu por meio de constantes intervenções públicas, artigos, entrevistas, prólogos e traduções. Os poemas aqui reproduzidos, de Haroldo de Campos e de Glauco Mattoso, são a prova fiel dessa interlocução.

*Oscilando entre a produção poética e a antropológica, Néstor viveu a carreira docente na Unicamp e iniciou um doutorado na USP. Da primeira, resultou o livro O negócio do michê, estudo original sobre a prostituição masculina. (Difícil esquecer uma incursão urbana na noturna paulicéia, fazendo com ele uma “científica” contabilidade prostibular!)*

*Surpreendeu a todos nós que um aluno da pós-graduação tivesse obtido em 1992 um dos maiores e mais cobiçados reconhecimentos internacionais a seu talento poético: a Bolsa Guggenheim. Mergulhado nos cânticos, em rezas e na ayahuasca do Santo Daime, ele planejou no último ano de sua vida a produção de um Auto Sacramental, que, infelizmente, não terminou.*

*Néstor transformou-se em uma das vozes líricas mais originais em língua espanhola e, nas palavras de Roberto Echavarren, “um dos poetas mais sugestivos e vigorosos a partir dos anos 80 na Argentina”. O Brasil também reconheceu seu talento, especialmente na publicação póstuma de Lamê (Unicamp, 1994), cujo luxuoso projeto visual e organização interna (por Roberto Echavarren, com primorosa transcrição de Josely Vianna Baptista) teriam sido bem de seu agrado.*

*Sua passagem por nosso planeta foi vertiginosa e ainda custa acreditar que não mais esteja entre nós. Sua presença sempre provocava uma “inquieta estranheza”: pela agudeza e agressividade das idéias, pelas posições marcantes e, nos últimos tempos, pelos elegantes chapéu e cachecol que portava, sem falar na lucidez e dignidade com que conduziu sua doença até o fim.*

**J.S.**

## Réquiem

**Haroldo de Campos\***

néstor perlongher par  
droit de conquête cidadão  
honorário desta (por  
tanta gente) desamada mal-  
-amada enxovalhada grafitatuada ne-  
-crosada cida (malamaríssima) de  
de são paulo de pira-  
-tininga – aliás paulicéia des-  
-vairada de mário (sorridente-de-  
-óculos-e-dentes mas homo-  
-recluso em seu ambíguo sexo re-  
-calcado – seqüestrado-&-ci-  
-liciante) de andrade (cantor  
humor dor – das latrinas  
subúrricas do anhan-  
-gabaú) ou ainda paraíso endiabrado do  
abaeté caraíba taumaturgo (o pés-  
-velozes) anchieta canário te-

---

\* **Haroldo de Campos.** Poeta, tradutor e ensaísta, foi também um dos fundadores do movimento da Poesia Concreta. Traduziu textos de Mallarmé, Ezra Pound, James Joyce, Dante Alighieri, Octavio Paz, Maiakóvski e muitos outros. De sua obra, destacamos *Galáxias* (Ex-Libris, 1984), *Crisantempo* (Perspectiva, 1999), *A máquina do mundo repensada* (Ateliê Editorial, 2000) – poesia; *Metalinguagem e outras metas* (Perspectiva, 1992), *O arco-íris branco. Ensaios de literatura e cultura* (Imago, 1997) – ensaio. Dentre os vários prêmios que já recebeu estão o Prêmio Jabuti (1991, 1992, 1994, 1999), Prêmio Roger Callois (1999) e Prêmio Octavio Paz de Poesia (1999).

nerifenho de severa roupeta entre cem  
mil virgens-cunhãs bronzi-(louvando a virgo em latim)  
-nuas aliás o  
fundador

néstor  
portenhopaulistanotietêpi-  
-nheirosplatinoargentino-  
-barroso deleitando-se  
amantíssimo  
neste deleitoso boosco bor-  
-roso de delitos (detritos):  
livre libérrimo libertinário enfim –  
farejadopenetrado pelo olho  
azul do tigre eroto-  
-fágico do delírio  
perlongado pelo passo de  
dança dionisiáco da panteravulvonegro-  
-dentada – vagina voratrix cannibalis – trans-  
-sexuada trans-(espermando goles  
de cerveja cor-urina)-vestida  
de mariposa gay –

néstor  
que nunca de nemnúcares  
conseguiu arredondar no palato um es-  
-correito português normativo-purista-  
-puritano mas  
que a amava (a são paulo) que a man-  
-ducava (a são paulo) que a titilava  
(a são paulo) com seu mesclo portu-  
-nhol milongueiro de língua e céu-da-  
-boca  
que a lambia cariciosamente até as mais  
internas entranhas (a esta santipau-  
-lista megalópolis bestafera) com esse  
seu (dele néstor) cunilingüíneopor-  
-tunhol lubrificante até levá-la (a paulistérica) a um  
paro(sísmico)xismo de orgasmo transtelar –

.....  
RÉQUIEM  
.....

néstor – um  
“cômico (um outro néstor poderia – sánchez – tê-lo  
dito) – de la lengua” – antes tragi-  
-cômico (digo eu) da – néstor – légua  
que se queria negro  
nigrificado nigérrimo  
negríssimo – “pretidão de amor” (camões) –  
desde a sua (dele) exilada margem  
de sua trans(a)gressiva marginália extrema  
à contrafé à contramá-fé (fezes!) do imundo  
mundo do poder branco (ocíduo) branco-  
-cêntrico

néstor  
em câmara escura  
em camerino oscuro posto  
neste seu (dele) lugar ab-  
-solutu absolu lieu  
de onde  
– crisóstomo da língua bocad’-  
-ouro ânusáureo –  
proferia as mais nefandas  
inefáveis inenarráveis  
– horresco referens! –  
palavras de desordem como se um  
caduceu amotinado estivesse regendo um  
bando ululante de mênades  
carnívoras –

néstor  
violadord’amor  
puntilhoso da madre-  
-língua hispano-  
-porto-ibericaña  
(agora jo-  
-casta incestuada por um  
filial trobar-clus de menestrel portunhol  
que um súbito coup-de-fôître ensandecera

ejaculando a madrelíngua – em transe dâimio-es-  
-tático de amor-descortês) –

néstor  
estuprador da noivamãe desnudada por seus  
(dela) célibes às  
barbas enciumadas  
cioso-zeladoras do padre  
ibérico do pai-de-família  
do padr-  
-asto putat-  
-ivo assim ur-  
-ranizado mas  
a ponto de – o tesão de laio por  
édipo (este o desenigma da esfíngica  
origem/vertigem) esporrar o aphrós  
espúmeo-espérmeo de sua (dele pai) grande  
glande de-  
-capitada (a patrofálica teo-  
-dicéia a por-  
néia) de onde vênus-afrodite exsurge  
botticélica num décor róseo-concha ca-  
-beleira escarlata derramando-se espádua-  
-abaixo mão (im) pu-  
-dica escondendo do olho cúpido dos tritões em sobressalto a  
xoxota depilada um risco de ter – esporra o aphrós! – -cio-  
-pelo ruivo no  
marfim do púbis): miss  
kípris ginetera – ela ou ele? –  
túmidos seios siliconados  
olhar citrino  
mudando de sexo como um  
como uma  
camaleão camaleoa no  
calor-d'amor

néstor está  
indo agora

.....  
RÉQUIEM  
.....

se vai  
procedente de avellaneda 1949  
lúmpen azul (êxul) nomadejante  
neste ano da (des) graça de 1992 vai-se  
seguido por uns poucos amigos  
e por um casmurro bando de  
farricocos-monossábios canturreantes  
que engrolam uma nênia  
glossolálica em dialeto de anjos (maus)

vai  
está indo agora  
néstor  
não para a consolação mármore-esplêndida  
não para o decoroso recoletos  
mas para este modesto campo-santo  
de “vila alpina” para onde o derrisório  
cortejo brancaleônico o acompanha -

vai  
faz-que-vai  
vai indo  
enquanto uma chuvinha fina  
- a (minha) garoa (garúa) paulistana dos  
(meus) adolescentes anos quarentas  
há muito sugada pela ventosa  
urbanotempoluta  
desta minha (e dele)  
des-tres-a-loucada vária pau-  
-licéia nonsênsica e variopinta - tam-  
-bém túrbida tigresa panespérmica - sob  
essa llovizna-chuvisco chuverando que  
vai atrás dele carpiadoidada  
no seu macári'alv(ar)azevedo-castr'alvino  
hibernal friul -  
reencarnada agora das arcadas franciscanas  
para vir atrás dele de

braços dados com madame lamorte  
para chorá-lo para verminocomê-lo  
para devorá-lo  
sacrovorá-lo  
ao néstor  
tragicômico da guignolportunhólica linguaragem  
bardo barrozoso  
cidadão  
(horroris causa)  
desta chuverante  
paùlgotejante  
paulicéia dos siamesmos  
oswaldmário cainabélicos  
nossos (também dele néstor  
girôndicolivérioлезâmioliminário)  
desirmanos germinais

4-4-2001  
são paulo de piratininga  
pindorama terra papagalorum  
brasil

## **Soneto 434** **A Néstor Perlongher**

**Glauco Mattoso\***

Na frente estive e está, depois ou antes.  
Poeta já portento de portenho,  
em Néstor o barroco ganha engenho  
e os verbos reverberam mais brilhantes.

Da Frente mítico entre os militantes,  
aqui tem maior campo seu empenho.  
Da causa negra um dado a depor tenho:  
tratou mais que os tratados dos tratantes.

Aos putos imputou novo valor.  
Da língua tinha humor sempre na ponta.  
Das classes, luta e amor, é professor.

---

\* **Glauco Mattoso.** Poeta, escritor e tradutor. Destacou-se entre os poetas setentistas por seu singular sincretismo de erudição, experimentalismo e escatologia. Na década de 80, publicou vários livros de poesia, ensaio e ficção, dentre os quais o *Manual do podólatra amador*, posfaciado por Néstor Perlongher. Nos anos 90, após perder a visão, traduziu (com Jorge Schwartz) *Fervor de Buenos Aires*, primeiro livro de poemas de Jorge Luis Borges, publicado no volume I de suas *Obras completas* (São Paulo, Editora Globo, 1999). Traduziu também os sonetos eróticos do mexicano Salvador Novo. Atualmente compõe sonetos e décimas.

.....  
GLAUCO MATTOSO  
.....

Mediu o que a estatística não conta.  
Territorializou do corpo a cor.  
Deu tom de santa a tanta tinta tonta!<sup>1</sup>

[Noite de insônia de 6 para 7 de abril de 2001, dois dias após o lançamento, em São Paulo, do livro *Evita vive e outras prosas* de Néstor Perlongher, coligido por Adrián Cangi e publicado por Samuel León, da editora Iluminuras.]

.....  
<sup>1</sup> Este verso comporta duas (ou mais) leituras: refere-se ao culto ao Santo Daime, com seu "chá" alucinógeno, ou ao *Manual do podólata amador*, cujo posfácio de Perlongher consagra o autor como Sartre "santificou" Genet.

## A propósito de *Evita vive y otras prosas*

Paula Siganevich\*

**P**uente extendido entre Argentina y Brasil, entre San Pablo y Buenos Aires, hoy Néstor Perlongher nos convoca entre dos lenguas, las de los aquí presentes, el portugués y el español, que al cruzar sus fonéticas performatizan este acto con una carga de significación por demás de elocuente. La presencia y combinación de sonoridades, orígenes y genealogías en esta sala, la cantidad y calidad de pasiones que circulan entre los presentes, en el espacio de presentación de este libro dice de suyo, justifica, explica e interpreta más de lo que mil palabras puedan decir sobre la obra y la persona de Perlongher. Aquí todos somos de otra parte, todos pertenecemos a otra lengua, todos somos extranjeros, todos estamos desterritorializados. ¡Y qué magnífico conjunto de personas, entonces, para reunirse alrededor de *Evita vive y otras prosas*, el libro compilado y prologado por Adrián Cangí, traducido por Josely Vianna Baptista y editado por Iluminuras!

Compilación y prólogo, traducción y edición, operaciones paratextuales, por afuera del texto, que sin embargo afectan la escritura y la lectura de múltiples maneras. Por empezar podemos preguntarnos: ¿Qué hace el compilador? Recupera. Y, ¿Cuál es el sentido de recuperar? *Debe publicarse todo* es una regla de Apollinaire, enunciado que se lee como un valor en *El libro que vendrá* de Maurice Blanchot, quién propone los sentidos de publicaciones póstumas como “tendencia de lo profundo hacia la luz” o “del secreto

---

\* **Paula Siganevich.** Organizadora, junto con Adrián Cangí de *Lúmpenes Peregrinaciones. Ensayos sobre Néstor Perlongher* (1996), participó en publicaciones colectivas como *Encuentro Internacional Manuel Puig* (1998) y *Lenguajes y actores en pantalla y en papel* (2000). Enseñó literatura hispanoamericana en la Universidad de Nueva York en Buenos Aires donde fue Directora Asociada. Es actualmente docente e investigadora en Comunicación en la Universidad de Buenos Aires.

hacia la revelación sin secreto”, “de lo callado a la afirmación pública”. Luego, en el prólogo de *Evita vive*, se establece una columna vertebral para la lectura del libro: Adrián Cangí, al hablar de una lengua que no es plenamente poesía ni prosa, pero un entre ambas, con el eco de una impronta deleuzeana nos recuerda que el devenir es siempre “entre” o “en medio” y también un aspirar a inventar lo imposible, sin fronteras, sin mercado, y devolviendo todos esos aspectos a una exterioridad fuera del Estado, con respecto al nomadismo de la escritura.

En esa zona inestable, dice el prologuista, una “cartografía de sus cuentos y crónicas busca hacer pasar lo vivo” y señala una “violencia que produce incisiones, tajos, que excede la facultad de comprender e inclusive, la tolerancia”. En esta categoría conceptual, hacer pasar lo vivo, se aloja un pensamiento polémico sobre la literatura que Cangí viene construyendo y que avanza con los textos seleccionados – ficciones y crónicas –, se sostiene en red con el autorretrato que Perlongher hace de sí mismo en la entrevista y culmina con los retratos que hacen de él Haroldo de Campos, Roberto Echavarren, Glauco Matoso y la traductora, Josely Vianna Baptista.

Sería bueno ahora poder referirse a la traducción largamente, arrojándose en los conceptos maravillosos que vierte George Steiner, por ejemplo, en un capítulo de *Pasión intacta*, llamado *Un arte exacto*. Allí se pronuncia por considerar los aspectos políticos y sociales de las condiciones en que se desarrolla la transferencia de lenguas. ¿Qué puede hacer el traductor para devolver la equidad que debería existir entre el texto original y la traducción? ¿Cómo puede su “contracreación”, su reiteración metamórfica, responder al original y ejecutar, demostrativamente, su dependencia existencial del original? Se trata siempre de la cuestión de la técnica y la ética. Según Benjamin el traductor, el intérprete, es fiel a su texto, es responsable de su forma de responder al texto, sólo cuando se esfuerza por crear un equilibrio de fuerzas, una presencia integral, que la comprensión apropiativa, la “ingestión” y la transferencia han roto. Josely Vianna Baptista deja para los que hemos leído a Perlongher en español, la pasión intacta de la lengua en su pasaje al portugués. Esta operación de desobjetivación, propia de la lengua poética, es el límite a partir del cual la traductora subjetiviza otra vez.

Y finalmente la edición. Iluminuras sabe de la edición de obras “menores”, sin fronteras y sin mercado. Se podría decir que este libro y su editorial se corresponden como dos enamorados que son tal para cual. Que se en-

contraron porque era cosa del destino, de un destino de amores y fidelidades literarias. Los catálogos de la editorial están llenos de perlas de márgenes y minorías, de traducciones y antologías que gustan de hacer amigos literarios. Este libro no podría haber estado en otra parte.

¿Qué le gustaría haber sido? Le preguntan a Perlongher en la entrevista del libro. Y responde: la gente va siendo lo que se da. Algunos rumbos se truncan, el político, el periodista, tal vez el prosista. Con la publicación de este libro quizá se le esté dando a Perlongher la oportunidad de ser el prosista que quería ser. También se queja porque le gustaría haber sido negro, dice, un traidor de la raza blanca. Me parece que hoy, aquí, podemos declarar que fue negro, darle el gusto, ponernos todos de acuerdo en que efectivamente fue negro porque la poesía lo transformó: según sus principios poéticos se podría esbozar una tensión entre fuerza y forma, entre fuerzas intensas y los materiales de la expresión. Haciendo pasar el lenguaje, la escritura, en la construcción de una vida.

Un libro más de y sobre Perlongher. Uno más en la serie, entre Brasil y Argentina, como deseaba Jorge Schwartz, un libro póstumo. La oportunidad de recuperar *Nueve meses en París*, artículo que escribe durante su estadía en Francia, cuando sabe de su enfermedad y comienza a anticipar su muerte. *Nueve meses en París* ha sido denominada en este libro una diatriba: la diatriba es según la definición del diccionario un discurso o escrito violento e injurioso. Y está muy bien que podamos hoy leer el enojo, porque en esta época de críticas sobre el neocolonialismo y las cuestiones de las hegemonías, nuestro escritor anticipa con sus observaciones sobre el imperialismo cultural y el pensamiento conservador un lugar para pensar. La Ayahuasca, la bebida sagrada, y la religión del Santo Daime fueron los espacios más radicales que encontró su enojo para encauzar la creatividad y su espíritu crítico para formular una declaración de principios americana.

Cumpliendo la regla de Apollinaire: debe publicarse todo, se presenta hoy en San Pablo este libro.

Miércoles, 4 de abril de 2001



## Néstor Perlongher: muerte lúbrica y trasposición artística

Roberto Echavarren\*

Cuando se mira algo en lugar de consumirlo, se lo considera como dedicado a otro: a un dios, o colocado para ser visto por cualquiera en el marco impersonal del arte. No comemos lo que consideramos bello o sublime; lo tomamos en cuenta, pasamos juicio, lo dejamos estar, puesto en conserva porque se dedica a otro. En la poesía de Perlongher (me refiero en particular a *Alambres*) se pone en evidencia la carne miserable y exaltada, la baba de los cuerpos, por donde se contagian las enfermedades venéreas que resultan en chancros, “pústula roja en la bragueta del que orina”. Esa contaminación ocurre en las instancias de arrobo de los sentidos, durante la unión coital del invertido o del travesti, cuando las experiencias y sensaciones de esa carne son más intensas y plenas. Por otro lado y en contraste con el registro de lo consumible y perecible advertimos el “barniz” que realza las formas y las materias y las sostiene en un espectáculo de fulgor, no para ser consumidas, sino para ser veneradas, con irrisión es cierto, en un gesto que las ofrece a los otros y las mantiene en circulación, las impermeabiliza o las embalsama (para evocar la notoria instancia del cadáver de Eva Perón) para que duren y sean contempladas por “todos”. Esa puesta en escena singular pide una aprobación general y durable, y apunta una pretensión de “universalidad”.

---

\* **Roberto Echavarren.** Poeta, novelista y crítico literario, fue profesor en la Universidad de Nueva York y actualmente vive entre Montevideo y Buenos Aires. Escribió el prefacio e hizo la selección de los poemas de *Lamé* (1994), de Néstor Perlongher. Fue uno de los organizadores, juntamente con José Kozler y Jacobo Sefamí, de *Medusario. Muestra de poesía latinoamericana* (1996), antología dedicada a la memoria de Néstor Perlongher. Su obra incluye *El espacio de la verdad: práctica del texto en Felisberto Hernández* (1981), *Manuel Puig, montaje y alteridad del sujeto* (1986), *Animalaccio* (1985), *Ave roc* (1994), *Arte andrógino* (1998) y la antología de sus escritos, organizada por Adrián Cangi, *Performance. Género y Transgénero* (2000).

Criaturas para el gasto, la languidez y la muerte, en la babosidad de sustancias descomponibles, se da por descontado aquí el demérito de los atractivos, el reconocimiento eventual en la decadencia y la vejez. Pero entre paréntesis, en contraste con el referente baboso consumible, se levanta uno de oposición inconsumible, las fortificaciones durables de un encuentro figural, entrevisto entre líneas donde alternan las “elipses” y los “blasones” aliterados que acordonan y mantienen tenso el cordón sanitario del poema, sobre el cual hace equilibrios el artista, la “ecuyère” ridícula de un circo cómico y cósmico.

Mientras anticipa la desintegración, el personaje perecible esboza con ridícula torpeza el gesto impenitente que busca seducir y encantar. En su patetismo decaído, yerto (la “yertez” de la vaca cuando se echa), del que cede y se amolda (es “muelle”), es penetrado, ocurre un desliz hacia el acabamiento y la muerte. El colmo del goce resulta aquí la experiencia de ser tajeado y aniquilado. Se pasa del tatuaje, de Sarduy, al filo hiriente de Lamborghini. Goce y tajo coinciden. Cuando la acción está en el colmo, la víctima encuentra la inacción, el éxtasis tanto como la inmovilidad.

Pero esa muerte particular, coital, privada (“en los estanques donde hubimos de hundirnos... chorreando la felonía de la vida”) se expande en instancias teatrales hacia la muerte colectiva al evocar episodios históricos de terror. En *Austria-Hungría* y en *Alambres* el régimen nazi, el gas mortal de Treblinka, las contorsiones de los cuerpos en su breve aunque terrible agonía, en que judíos tanto como “polacos” representan a las víctimas posibles y efectivas, se engarza con el genocidio operado en Argentina en los setenta (“caminamos por Lavallo, por la Alemania espesa”), y además con la muerte y embalsamamiento de Eva Perón; aunque Eva, dotada de una virtud casi divina que le presta la fe del pueblo, “resucita” según el “nuevo testamento” de “Evita vive”.

Al converger los destinos lúbricos particulares con las vivencias históricas colectivas, el drama de la muerte erótica adquiere una doble contundencia. Es un delirio político porque, como en la novela *Pompas fúnebres*, de Jean Genet, mide su tendencia particular o sus inclinaciones con los hechos de la gestión pública y la condición jurídica y moral de un régimen autoritario en guerra. Al revivir o transcrear esas instancias societarias desde el punto de vista de una idiosincracia singular, exhibe las implicaciones entre el dominio público y el privado: nos aboca al horror de un crimen público en el foco de una pasión privada.

Otro aspecto del crimen es el incesto. En “Madame S” un matricidio famoso sirve para engarzar las fantasías eróticas de un hijo con respecto a su madre. El destino del hijo frente a la madre se apoya en, y se enreda con, la historia de un caso público y notorio, se entreteje en el “alambre” de la historia conocida y cuelga de él, adquiriendo una resonancia vasta, transformándose en un síntoma de la sensibilidad de la época. En este poema, los primeros escarceos con la madre sirven apenas de juego preparatorio para la escena final en que la madre se entrega a los estibadores en un muelle nocturno. El hijo, por interpósita persona y vicariamente, se aferra a las “agarraderas” o “tapires incrustados con mangos de magnolia” de los anónimos portuarios. Excita primero a la madre para mejor entregarla y entregarse a la fuerza de los estibadores. Es un interfaz entre ella y ellos. Tanto el hijo como la madre son cuerpos que se rinden, uno detrás del otro, uno devenido el otro, a la fuerza anónima, al rigor parejo del empuje macho. Entre ellos hay apego y sensualidad afectuosa, aunque criminal (“pero era demasiado matarte, dulcemente”, dice el hijo a la madre); llegan a ser criaturas, personajes. Pero la pasión, al intervenir una fuerza extraña sin rostro, sólo desdibuja cualquier anclaje, porque no se entregan (madre e hijo) a un solo hombre, sino a la ristra de apéndices sin dueño específico que los agreden en un rapto fugaz. Una madre, una figura materna como Madame S, o un icono lúbrico y triunfante como Eva Perón son personas más o menos reconocibles y estables. Sin embargo, ese personaje no es unívoco, está dividido: “hay una madre que se ahoga, y otra que se desnuda, en el palier, delante de unos oficiales”. Está la madre muerta, de un costado, la madre muerte, muerta quizá en tanto no conoce el éxtasis erótico, y del otro la madre viva y casquivana. Sólo que la segunda, por un coito fatal, se transforma en la primera.

Más allá de la madre, este punto humanizado de arranque, más allá de cualquier persona, el importe lascivo de los poemas deriva sin rumbo, con un empuje a la vez vivaz y mortífero, pero impersonal, de baba y malos olores, de tumefacción y orina “en el paraíso del olor”. Lo que parecía desagradable y peligroso por los condicionamientos de la educación, se descubre como un crimen excitante, embarga y embriaga como una ráfaga nueva que había sido largo tiempo sofocada. Aquí no sólo se habla en metáforas sino a través de sinestesias, (“pintado con eructos”) traduciendo la modalidad y la textura de los estímulos. “El sebo carnoso del ánade” traduce la calidad experimentada con más ímpetu y fidelidad que cualquier otro término que

designara el apéndice masculino, sus impactos, y el orificio húmedo en que se debate.

Con todo, este registro de las intensidades es también el registro de la enfermedad, castigo de la carne, menoscabo a través del contagio en el momento y actuación del arrobó en que ésta se abre y se vuelve vulnerable. Entonces se produce el corte, la “heridilla que rasguña su lengua de insignificantes llagas”, la droga con “una aguja empantanada e inservible”, y un “ganglio” hinchado que lucha contra la infección. El conjunto es un “despojo sanguinolento”.

La madre se ahoga, las “hermosas” se hunden en el poema homónimo, y hasta los cisnes, hechos para nadar, se hunden (“Tema del cisne hundido, 1 y 2”) con “la que ahógase en el nado”. La ubicuidad del cadáver, “hurgándolo en los repliegues de la sábana”, en su más largo poema se vuelve estribillo; “llenas de esta reiteración estamos”, la omnipresencia de la muerte; todas las escenas posibles están impregnadas de ella: hay cadáveres hasta “en el decaer de esta escritura”. Decir que la muerte está en todo es un “centramiento de lo céntrico”, que se enuncia y se hace “ex-plicito” con agotamiento de la retórica: “féretros alegóricos, sótanos metafóricos, pocillos metonímicos”. Por si aún quedaran dudas, oímos la pregunta: “¿Se entiende? ¿estaba claro?”. Aunque de hecho el carnaval fúnebre se hace menos feroz a medida que el fin de la vida y de la obra se acercan; el anuncio con megáfono de la muerte en *Alambres*, se vuelve susurro, insinuación en *Aguas aéreas*, un tono tanto más bajo cuanto que ella más se adentra en los dobleces de la piel, se vuelve una transparencia, la purifica. Entonces también aparecerán formas de la esperanza como en la “Oda al Padre Mario”.

Pero “ánade/jade” enganchan por aliteración permutante y se oponen dentro de su similaridad fónica. Más allá, al costado del referente carnal y consumible, se salva, burla burlando, por el gancho mágico de una aliteración, el registro artístico de un marco imperecedero. De la isotopía semántica de la baba, de las ventosidades y las heces se salta, por imbricación fónica, a la isotopía semántica del barniz, de la joya, del vidrio, del jade, de todas las materias duraderas y preciosas y de todas las modalidades del encuadramiento artístico: “en el lago de un cuadro, cuadriculan; cuadran, culan en el kuleo de ese periplo”. Es el dominio de la factura hecha para durar, no consumida, ofrecida a todos y a nadie: “el resplandor lamé, burilo; corta el ruedo, da una ‘terminación’”. Eva Perón muerta, embalsamada y enjoyada es tal vez el mejor ejemplo de un trabajo artístico acabado para durar. Pedro Ara, el em-



cente y visionaria, a fuerza de invocar el remedio artístico, que es una tentativa que triunfa a través de su fracaso, que se recompone a través de su ridiculez, porque sustrae al esfuerzo de una mera inmanencia consumible, hacia la trascendencia vacía de una inmortalidad para nadie.

Tomaré un ejemplo: “abre al flaneur el desdolor de un can o de una cana echada entre almohadones cuya sarnosidad dice del paso”; can y cana aliterados dan a luz dos series combinables sugiriendo un “mordiente” coito entre almohadones. En este otro ejemplo: “la pinga... los cálculos la doblan y la almizclan en un perpetuo redoblar de jarcias que instila en el muelle de las aguas internas la precisión de una piragua”, las diversas acepciones de la palabra “muelle” abren dos series metonímicas (oscilar de jarcias, muelle, piragua, por un lado; pinga, espacio interior muelle, maniobras que la doblan, por otro) que repercuten entre sí y se combinan en una epifanía lúbrica, a la vez entrañable y cósmica, cuando espacio interior y exterior son vividos como uno. Según esa experiencia lo que estaba separado, grande y chico, interno y externo, se integran en una dimensión equivalente, o única. Entonces el arte del poema traduce, compone el pico de culminación sensible antes de que se vuelva a perder.

## De estos polvos, estos lodos...

Nicolás Rosa\*

### Nacimientos

**T**odo sistema poético es producto de una experiencia de vida – o de muerte – que producirá, tarde o temprano en su devenir, su asunto (tema), su propia dicción (prosodia), sus ideogramas (ideogramatibetano o bororo), todo un material que generará efectos en el propio poeta y en los otros llamados lectores. Si hace historia, provocará en la producción literaria, en la literatura, en el discurso, en el mundo, efectos sensoriales, o recuerdo de sensaciones de la infancia, también sentimentales (memoria de sentimientos a punto de desvanecerse), emociones (fugacidad de los latidos, de las palpitaciones), que podrán ser intelectuales (*ratios* que combinan interpretaciones de los sentidos, de las emociones y de su relación con el mundo). Cada uno de ellos pervivirá según la insistencia con que cada poeta logre traducir en palabras, relatos, narraciones, cuentos, que tendrán quizá algún destino. La poesía está más allá del lector.

Pero cuando el poeta, y son varios pero no muchos en la poesía sudamericana, intenta no construir sino destruir los sistemas prefiriendo, quizás sin saberlo, su propia destrucción, entonces, estos se reducen a polvo aunque la reminiscencia permanezca. El tema se desbarata en subtemas, en

---

**Nicolás Rosa.** Crítico literario, docente y Director del Programa de Teoría Literaria de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Profesor y Director de la Escuela de Posgrado de la Facultad de Humanidades y Artes de la Universidad de Rosario. Autor de *Tratados sobre Néstor Perlongher* (1997), *Los fulgores del simulacro* (1987), *El arte del olvido. Sobre la autobiografía* (1991), *Artefacto* (1992), *Historia de la crítica literaria en la Argentina* (1999), *Usos de la Literatura* (1999).

microtemas que se contraponen alcanzando un desvarío de las palabras poéticas (diccionario), la disolución en pura asonancia o en pura disonancia – vale lo mismo –, lo que se quiere tal vez sin decirlo, es hacer de la sonoridad el lecho de ciertas murmuraciones, de ciertos farfulleos, de rumores esofágicos, de ciertos contorneos que convocan a los disturbios del sentido. No es un ataque a la semántica, sino un descenso hacia las cavidades más profundas del sentido, allí donde nacen los fonemas protoglóticos – formas aberrantes pegadas a la faringe –, allí donde nacen el grito y el lamento, y donde la risa y el llanto se contraponen a la seriedad del lenguaje. Un hecho burlesco o dramático no importa, sólo importa el ejercicio de la glotificación ajena al sentido. Peligroso para la sintaxis este configura un descentramiento del lenguaje regido ahora por otros órdenes: el orden sexual, el orden político.

Néstor Perlongher llevó la palabra poética al borde extremo de las limaduras, de sus desconexiones, entre los recovecos privados de una glosemática que afecta, como un carcinoma corpuscular, la trama del lenguaje. La lengua poética latinoamericana estaba ya preparada – por contaminación – para esta epidemia por César Vallejo, Oliverio Girondo, Haroldo de Campos. Perlongher tenía una lengua preparada para su exterminio. Entró en la casa y los departamentos del lenguaje poético – y también quemó sus aulas universitarias – como delincuente para producir un despojo de los estratos de la lengua, como un artesano de la locura lingüística, como niño afásico y como viejo esquisográfico, atacando lengua y letra. Si la teoría lo proveyó de elementos para construir una erótica, su deseo de hombre le proporcionó su material glótico para la glorificación del propio deseo. Quizás allí donde el deseo deja de ser tal para convertirse en una *ratio* única desmintiendo el dos del comienzo (masculino-femenino / femenino-masculino), en orden privado, en orden uno. Cuando este orden deja de ser único (uno) se vuelve disyuntivo, segmentario, solidario, social y político. Entre ambos circuló la experiencia escrituraria de Perlongher. ¿Dónde habita un sexo cuando el deseo lo deserta y sólo quiere dormir? El deseo no se cansa nunca y sólo descansa en la muerte.

El entrecruzamiento entre la anarquía del lenguaje y el fascismo de los cuerpos convierten a esta versión poética – versión ensayística de la poesía con emblemas, con rótulos, con tratados, con enseñas, como lo señala Cangí<sup>1</sup> – en una encrucijada histórica y en una encrucijada sexual. La

---

<sup>1</sup> Cfr. Adrián Cangí. *Insumisión y subjetividad en la obra ensayístico-poética de Néstor Perlongher*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2001. (Tesis Doctoral)

encrucijada histórica está datada por una enseña y por un cuerpo: Eva Perón. La encrucijada sexual está nombrada por los *homos*. La poesía ensayo de Perlongher es fundamentalmente Argentina, es nacional. Hacer de la sexualidad un campo de batalla política en la Argentina no coincide con los movimientos lésbicos y *queers* americanos, ni en procedencia ni en factura argumentativa. La política *queer* es una política dentro del Estado y genera una estrategia de cambio. La política de Perlongher, por lo menos dentro del campo poético, es una maquinaria de destrucción de la Ley, de la gramática, del derecho, de la lógica dual e intenta desolidarizar la estrategia en provecho de una táctica ocasional, vagabunda, callejera.

### Segmentos

En Perlongher todo es segmentación.<sup>2</sup> Segmentación de la casa y el mundo, entrada, estar, comedor, dormitorios, barrio, ciudad, nación, recorridos de los espacios fetichistas del mundo burgués y de los espacios paranoicos del capitalismo. Segmentación de los cuerpos que habitan lugares y espacios construyendo una genealogía y una geografía: *locus, templum, hortus, tumulus*, criptas, sótanos, cárceles, conventos, monasterios, prisiones, escuelas, campos de concentración, espacios de contemplación y de exhibición, de goces, torturas y de agenciamientos públicos y furtivos, de la intimidad y de la pura exhibición. Segmentación con la que el poeta elaboró la soledad de la plena mostración, lo público de lo íntimo, la reserva infantil de lo mundano. Aparecer, entonces, de los espacios de la extensión: aldea, pago, provincia, territorio confederado, nación, imperio, espacio cósmico. Suceder de los espacios estatales de la política, espacios “molares” en continuo drenaje “molecular”, dentro de su fluencia provincial, legados de autonomía local que se disfrazan en la exterioridad planetaria. Lo local siempre será el último reducto de lo global, las segmentaciones estatales molares reemplazarán sucesivamente los segmentos moleculares, lo local terminará siempre por aflorar en lo global, como lo tribal – la ley de la sangre y las violentas relaciones de la consanguinidad de la “familia”, de la *gens*, incesto y violencia – serán las reglas íntimas de las turbulencias humanas. La guerra las verifica, el contrato las certifica.

<sup>2</sup> Segmentación: característica específica de los estratos que nos componen, que nos instituyen. Habitar, circular, trabajar, jugar, segmentaciones espaciales y sociales. Deleuze *dixit*.

Estos territorios serán el espacio donde se jugarán el descampado, el destierro, la acracia de los conjuntos corporales y la permeabilidad de las junturas, que generan los *espacios de la expulsión*: desde las migraciones bíblicas hasta los desplazamientos inmigratorios y las migraciones del tercer milenio. Todo lo molar termina por desintegrarse en las moléculas segmentarias del deseo. Uno no desea todos los cuerpos, sino un solo cuerpo, uno por vez. Un cuerpo desaloja lo genérico, como desaloja la inmaterialidad del sujeto pensante, doble despojo en donde todo se vuelve carne transitada.

El trabajo del deseo, trabajo diestro pero fatigoso, es construir las vesículas por las cuales el deseo fluye, transita, para luego decaer, desentumecerse, aflojarse, tarea a pura pérdida, fábrica de engaños, usina de reflejos, artilugios de la invención. El trabajo de conversión de la segmentación binaria (dos: hombre-mujer, pareja-dúo, con el ensueño nostálgico del tercero) se presupone anterior como recuerdo del deseo pero que en realidad es futuro como incitación. Que la imaginación de los mitos y de la literatura haya hecho de esto una imagen del renacimiento, es sólo por la volubilidad insólita del deseo humano que a veces confunde la mano con la maniobra, el gesto con el acto, el artificio con el instrumento, lo volátil con la pura fluencia, el recogimiento con el frágil estupor masturbatorio. Dicho y hecho, el decir direcciona el hecho. Entre las palabras y las cosas siempre habrá una relación extraña, no sólo por la creencia de que las palabras crean las cosas desde el *Cratilo*, sino por la interinación a pura pérdida que preside nuestra relación lingüística; si tengo la palabra debo denegar la cosa, y si tengo la cosa no puedo nombrarla: la función primera de la palabra es nombrar no comunicar y en el nombramiento se producen todas las derogaciones de la impostura. Cuando la poesía habla aleja las cosas, el silencio es la cosa fulgurante del coito, las palabras su deyección.

Entre segmento y centro no hay oposición sino connivencia, no sólo porque el segmento recuerda el todo del que fuera parte, sino por el potencial atractivo del centro. El sexo es el centro de la corporalidad humana, luego viene el deseo y lo descentra, y luego viene el goce y lo recentra. Todo gira imaginariamente a través de *un* centro, en tanto el centro se enumera como cero del cual se empieza a contar. Es a partir de allí donde se generan las atribuciones (sexo "débil" - sexo "fuerte"), las asignaciones (femenino-masculino, macho-hembra), las fuerzas (activo-pasivo), las nomenclaturas (viril-femenino) las correlaciones de las fuerzas atractivas (la mujer atrae al hombre, el hombre atrae a la mujer), las imputaciones (sentimiento-racio-

nalidad, afecto-emoción, ligereza-seriedad), las clasificaciones (sensualidad-raciocinio).

Si el foco de la reglamentación es la mente, el corazón y el espíritu quedan devaluados y el sexo ignorado cumpliendo históricamente el predominio de la *ratio* intelectual. Si el intelecto y el sexo son eludidos, el triunfo es el de la *ratio* sentimental; si el sexo y las razones del corazón son negadas, la primacía de las emociones es el triunfo del hombre psicológico; si el sexo es potenciado por sobre las otras *ratios*, se vuelve omnipotente y quiebra fuertemente la organización de todas las razones y permite el predominio de una fuerza transgresora y negadora de la civilización: el instinto. El instinto es una fuerza negativa que reaparece en la constelación de las fuerzas activas y reproductoras de la civilización e incluso de la cultura. Los pueblos primitivos tuvieron desde siempre ritos de exorcización de las fuerzas extrañas o maléficas expulsando hacia fuera los demonios interiores y soslayando la premisa de las causas. La reproducción de las causas es al mismo tiempo dar cuenta de las variaciones y multiplicidad de las fuerzas externas, pero también remediar la causa original de la agresividad humana: el hombre es un animal cruel.

La elaboración cada vez más compleja de los fenómenos culturales y su contradicción manifiesta en la guerra y el crimen, el robo asesino y la acción esclavizante generan nuevos órdenes pero no eliminan la causa primordial. La educación, en todas sus formas efectivas, es el modelo de la penalización del instinto y el instrumento más elaborado para asumir los efectos del instinto llamado natural. El instinto, más allá de Freud, tiene una sola fuente: la energía libidinal y las pulsiones. Todas las pulsiones, más allá de sus elaboraciones y modificaciones (y sobre todo la sublimación y las transformaciones económicas de la libido y las pulsiones del Yo) poseen una base sexual y al modificarse se sexualizan.

Si la cultura es el instrumento más elaborado de la civilización para sacarse de encima al animal que somos, debió reinventar todas las formas más primarias y más sofisticadas para hacer del hombre natural el "hombre fraguado" que inventa y aplica todas las herramientas que lo hacen un mecánico de los instintos, un obrero de las pulsiones, un fabricante de las herramientas, un manipulador de las sensaciones, un fabricante de imágenes y un servidor de mitos, leyendas y fábulas que se convirtieron en su patrón y lo sometieron a sus símbolos. El hombre no es un creador de símbolos, sino su siervo. El régimen disciplinario de la cultura, puesto en evidencia en la cultura moderna, traslada del plano imaginario la cárcel del

lenguaje al plano de lo real en el cuerpo como cárcel de los instintos. La sobrevivencia del hombre se debe no sólo a la amortiguación de sus deseos sino a un sistema sofisticado de desvío sujeto a errancias de energías descontroladas, despegadas de su “agenciamiento” y puestas provisoriamente a disposición de nada. Las sociedades autoritarias cancelan las energías libres, las penalizan o las destruyen. Las sociedades liberales las desvían e intentan articularlas en microsociedades de faenas divergentes (la divergencia de objetivos es un intento que desplaza la energía en la diversidad de sus objetivos, la descentraliza) o las transforman en micropolíticas sectoriales cuyo rédito es desarticulado por el plus de placer. El árbol – como metáfora del crecimiento social reglado – terminará domando a la raíz, la arborización a las raicillas, la disyunción fibrosa a las fibrillas, las divergencias duales a la proliferación descentrada, la yema a los folículos, las estructuras ternarias a la desestructuración de singularidades: el poder centralizado del sistema arborescente disciplinará los brotes de rizomas primitivos – como imagen de un crecimiento descontrolado y sin origen.

Los sistemas duales, sistemas de lenguaje y del aparato de estado, sistema de poder vinculante, amo-esclavo, dueño-siervo, amante-amado para poder certificar la intercambiabilidad de sus posturas, deben imperiosamente mantener sus posiciones. La idea anárquica de Perlongher, generada por su propia insatisfacción subjetiva, de recambiar las posiciones es una precisión minoritaria incrustada en políticas de micro-organismos sectoriales y no puede conducirse, en las manifestaciones del capitalismo tardío, más que a sectores minoritarios señalados y denunciados y no a sectores molares, por el hecho de su inserción molecular en la gran superficie visible del mundo, para producir gestos y enunciados como una generalidad prescriptiva. La enunciación – del deseo, de la Ley – siempre generará reglas y marcará el respeto a esas reglas que deben ser inconvertibles, moralmente sin historia. Por eso la disposición legal al cambio de las reglas debe ser controlada y por momentos simulada: todo cambia para que nada cambie.

### **Informe para una academia**

La literatura funciona como anticipación. El poeta sabe que la literatura sin vida es una complementariedad peligrosa: vida-literatura propone enigmas muy claros en su exposición y muy difíciles en su resolución; ya no se trata de la *vie littéraire* del pasado siglo francés, tampoco de la experien-

cia vital que fundaría la literatura, ni de los recuerdos de una vida anterior y los de una vida presentida que inauguraría la ficción de una vida contada, sino de llevar al extremo la vida del cuerpo en verso, en pura versificación de las sensaciones. Mostración de un cuerpo llagado (la llaga muestra el temblor de la carne), un cuerpo abierto (el cuerpo abierto, desventrado, exposición de los órganos y de los laberintos vehiculares de la sangría), un cuerpo herido (un cuerpo dispuesto en el filo de la desgarradura antes de convertirse en cicatriz), un cuerpo desenfrenado en la fugacidad de su actividad (cuerpo dinámico, fluyente); en suma, un cuerpo desertado de las pasiones y de las emociones, puro latido sensitivo. No es el "cuerpo de palabras", sino las palabras engastadas en un cuerpo. Este cuerpo es, quizá, irreconciliable a la razón, pura plétora de sensaciones, puro vacío de sentimientos.

Entonces, ¿cómo establecer una alianza entre la pura emergencia instintiva con las palabras, incluso con la fluencia del discurso que no cesa? ¿cómo mantener una fracción, una coloración de instante, en este maniobrar desatado en contra de la palabra? Si el cuerpo sabe, como dice Cangini retomando una larga y heterodoxa tradición, debe volverse interior a la palabra, no significarla, no definirla, sino ser ella misma la pura expresión del dolor, del placer, de la angustia, del goce, de la propia mortalidad del discurso. Entonces, el poeta debe hacerse cómplice de otros ámbitos, de otros destinos, que no son los de la literatura, sino los de la historia de los cuerpos.

La historia de los cuerpos está plagada de ritos extraños a la literatura, mostración de la desnudez, sacrificio, flagelación, cortes, rasguños, seccionamientos, eventración, estrangulamiento, que no pueden ser contados sino evocados en un sueño fatídico de destrucción universal, aquel que animó a Sade, o de purgación de las exigencias corporales que activó la poesía en Genet, o de defloración extrema del cuerpo interior que vaticinó Osvaldo Lamborghini. La extremidad de la afección, aquel que afecta a los otros, cuando se convierte en una "costumbre rutinaria", es la sombra salvaje de la afectación de nuestros ritos ciudadanos. El saludo es más contemplativo, el abrazo puede ser peligroso, el suave beso en la mejilla previene el beso de la muerte, la caricia al goce feroz de la trompada como la ironía reemplaza a la injuria, como la palabra al gesto y el gesto a la acción brutal de la criminalidad y del asesinato.

La palabra de Perlongher, más allá de los ejemplos de la lingüística, muerde, es siempre imprudente y en esa imprudencia desata no sólo los

paradigmas sino también las connotaciones, asociaciones y configuraciones. Estas por muy laxas que fuesen, intentan desarmar el lenguaje de su potencial significante, el sentido. Si admitimos con Cangini que en Perlongher “hablar y escribir son una acción del cuerpo y un arte de la voz”, es porque el lenguaje se ha vuelto no vehículo de algo, llámese significación, significado, o sentido, sino un montaje de cuerpos amados y odiados, de brazos, de piernas, de torsos, de manos y pies, de cabezas y senos, y también de rostros, de fisonomías y de facetas, expansiones y transformaciones, de extensiones y prolongaciones, cuerpo transeúnte de incorporaciones y evacuaciones, cuerpo dúctil en sus envolturas, férreo en sus empaques, y quebrado en su voz entre gutural y blanda, entre colorida y chillona, entre musculosa y tajeante, entre masculina y femenina, entre “amaricada” y explosiva, entre gritona y susurrante, voz meliflua y melosa, dislocada, elaborando en sus versos, en el fluir de sus versiones, una fonología impudorosa y una abyecta foniatría. Un arte de la ocasión, al decir de Cangini.

Pero la ocasión no es tan azarosa como lo parece. El azar es una forma de la construcción y quizá la más pesadosa: el azar reglado entre la mecánica automática y las reglas de la fortuna. Allí se arma la ocasión, el punto justo del cruce entre lo material y lo abstracto, entre lo concreto y lo ilusorio, entre la aventura y el riesgo despojado de toda alusión ficticia: lo real absoluto del cuerpo.<sup>3</sup>

Si aceptamos la propuesta de Cangini cuando dice “hablar y escribir para Perlongher son “una acción del cuerpo y un arte de la voz” nos vemos enfrentados a largos trayectos históricos en la lucha entre *gramata* y *foné*, pero que en el verso de Perlongher cobran una significación especial en relación capital: el juego mortal de esta poesía en contra de la Gramática. La escritura de Perlongher es un desandar caminos históricos, los de la compulsión literaria, de la letra y la impulsión de la vocalidad del lenguaje. ¿Cómo trasladar el cuerpo al lenguaje y en qué nivel puede ser aceptado? ¿o esto implica, no una tarea de construcción sino una tarea destructiva, de desorganización de los niveles de lengua? El regreso a la *foné* implica diversas acciones pero la fundamental para Perlongher es la combustión fónica, la desalteración de la Gramática como pura sintaxis, entablando una lucha

---

<sup>3</sup> Nicolás Rosa. “Cuerpo/cuerpos. Hacia una gramática social de los cuerpos”, en *Estudios. Revista de investigaciones literarias y culturales*, n. 13. Caracas, Universidad Simón Bolívar, 1999. Ídem. *Los tratados sobre Néstor Perlongher*. Buenos Aires, Ed. Ars, 1997.

a muerte contra las leyes del lenguaje, eso que en otros textos habíamos designado como una “ortofonía abyecta”.<sup>4</sup>

El lenguaje entendido como acción en Perlongher no debe ser confundido con la teoría de las acciones lingüísticas sino como una acción muscular del lenguaje, hacer que el lenguaje en la acción del verso se ablande, se rigidice, se conmueva en su estatismo, vibre y sonorice en sus reticulaciones, en sus meandros, en sus divertículos, se apague y vuelva a encenderse en sus fluorescencias, caiga hacia sus estratos más profundos, hacia el bajo fondo de la Gramática, suene y resuene contra las obligaciones sintácticas, hacia el trasfondo de los “fonemas lácteos”, allí donde la vibrante múltiple sonora (r...r...rr...rrr) desciende hacia el sótano de los fonemas niños, los del murmullo y los de la mamada (mmm...mmm...m), fonología de la leche materna que repercute sordamente en la susurrante glotis.

Los estratos bajos del lenguaje, su retraimiento, implican una proletarización de la voz (las políticas de la voz) y simultáneamente un descenso hacia las cavidades más profundas: de los fonemas lácteos hacia las sonoridades guturales, hacia una sexualidad de la voz y una desemantización de la sintaxis. Perlongher dice a través de las cavidades del cuerpo, las que llevan los secretos corporales hacia fuera y conectan al hombre con el mundo y lo sustraen, en los fenómenos complementarios de retención y expulsión, interiorización y exteriorización de las materias corporales: sangre, semen, leche; y las extracorporales pero combustionadas: alimento, bebida, droga y sus transformaciones: excrecencias, vómitos, diarreas. El cuerpo es una máquina de atraer y repeler.

Las transformaciones en sonoridades exigen una destrucción de la Gramática, el bajo fondo del lenguaje es la micción sonora, la sangría fonética, la excreción de las voces del cuerpo. Perlongher lucha simultáneamente contra la Gramática y contra la superficie sonora, para intentar recluirse en los sótanos del cuerpo, allí donde este se deja oír.

¿Es posible, en estos estratos, hablar de arte o de belleza o de retórica? ¿O debemos necesariamente crear nuevas nomenclaturas, nuevos diseños para aferrar las fugacidades de una voz disoluta que exige y reclama disolución? ¿El pasaje al acto de la lengua no nos lleva necesariamente fuera del lenguaje, más allá de la prisión retórica?

El enigma de esta poesía es un enigma político. Después del refinamiento erótico de Láclos, luego de la salvaje pero racional filosofía de Sade,

<sup>4</sup> Nicolás Rosa. *Los tratados sobre Néstor Perlongher*, op. cit.

y más allá de la lujuria aristocrática de Bataille, la conversión de los fonemas en sexo puro de Perlongher nos lleva a nuevos extremos. La politización de los cuerpos, ya mencionada en otros trabajos, implica una corporalidad racional, propia del capitalismo tardío (cómo se mueven los cuerpos, dónde, en qué recintos, en qué sitios, en el campo, en la ciudad – el sexo ciudadano, el sexo civil, el sexo campesino, el sexo campestre, pues las leyes de la ciudad son diversas e incluso contradictorias en las poblaciones narrativas ciudadanas y campesinas<sup>5</sup> –, en qué locales, – la localidad del sexo es constitutiva –, en qué recintos – los conventos sadianos, los castillos de Batory, los monasterios (*La monja de Monza* de Manzoni), cárceles, sótanos, subterráneos, criptas, donde reina el “emperador de la sangre”) –, el sexo es siempre local, el erotismo es global; uno se oculta, el otro se muestra, uno es un esfuerzo, el otro una pedagogía. Las lecciones de Sade en el revés del *Emilio* de Rousseau, integran la sabiduría de la época y una didáctica del aprendizaje.

El “sexo de Perlongher” es un sexo anarquista (una verdadera “anarcogamia” habíamos dicho), en tanto convulsiona las direcciones simétricas de los lugares y de las nomenclaturas. Al mismo tiempo, edifica segmentaciones que pueden plegarse tanto a la destrucción de las clasificaciones como a la construcción de segmentos moleculares que pueden circular en las centralizaciones molares. Por ejemplo la prostitución es consecuencia de las transacciones molares de la sociedad capitalista donde el sexo canjeable por dinero en la circulación molar de las mercancías como valor de cambio no es el sexo molecular en las vegetaciones ciudadanas de las metrópolis, es el uso momentáneo y fugaz del sexo nómada. La vagancia del deseo y su disfrute es ocasional.

Cuando Cangini dice: “La escritura es para Perlongher un arte de la ocasión que se opone a las modalidades burguesas de un decir a medias”, no sólo yuxtapone la escritura con la voz como dato político, sino que permuta la serenidad estática de la cita por la eventualidad esporádica del encuentro. Pero los fenómenos particulares de la circulación sexual ciudadana producen dos efectos: la fetichización de los lugares y el fascismo del cuerpo. Los sitios como fetiches son una consagración suntuaria de los lugares, sitios de mostración y encuentro. Los meaderos de los viejos cinematógrafos que evoca Perlongher en la película narcisista que se muestra como un *videoclip* de un solo personaje y de una sola voz, lugares de la ciudad y lugares del cuerpo

<sup>5</sup> Nicolás Rosa. “El paisano ensimismado”, en *La lengua del Ausente*. Buenos Aires, Ed. Biblos, 1997.

propicios para la fetichización como elementos particulares de una serie en la suma infinita de la colección, no son sino valores molares de la segregación. El fascismo de los encuentros es inseparable de núcleos moleculares (grupos, pandillas, fraternidades endogámicas) que pululan y saltan de un punto al otro limitando el tiempo de la intersección y realzando valores fugacísimos. La transitoriedad acelerada de estos grupos nómádicos los vuelven dispersivos en el nivel político, descentralizados dentro de su propia centralidad, sujetos como nadie a la traición y elementales al nivel concentracionario. Perlongher intenta pasar de la prisión del lenguaje a la cárcel del amor, intento prosístico anarquista que perturba, tanto al escritor como al lector. Perlongher lleva la “*finalidad sin fin*” de la estética kantiana a la “*sin-finalidad excéntrica anarquista*”, atentado contra la Retórica, la Literatura, la Poesía. Una extralimitación de los fines literarios, el más allá de un valor difuso y sin conversión posible: ¿Hacia dónde, hacia dónde...?

El fascismo es inseparable de núcleos moleculares como el nicho. El nicho genera la quietud mortal dentro de la fosilización molecular: un recinto íntimo pero con núcleo irradiante, en oposición a la fuga; la visión se detiene, se fija, se centra en el centro irradiante del nicho que forma estela con el nido y con la hornacina, con el *forno*, con la guarida y con la madriguera, reducto de las pasiones salvajes, de las pasiones escondidas pero simultáneamente reflejadas. El nicho que convoca el enterramiento pero también el reducto del amor. Se dice, lo dice Petronio, que las prostitutas romanas ejercían su oficio en las hornacinas que atraviesan la muralla de la ciudad en oposición a las hetairas regaladas en su triclinio. En la versión plebeya de Perlongher, las hornacinas de los menesterosos chalecitos de Bellville o de Ezpeleta reflejan la imagen de la Virgen de Buenos Aires, la de Luján, a caballo entre la religiosidad popular y la lujanera criolla. Es menester que los menesterosos crean. El fascismo sólo se solidariza con el imperialismo cuando la racionalidad política se lo impone. El imperialismo es más clásico y más sabio y tratable: educa en las conquistas pero también en las transacciones; el fascismo es siempre una nidificación del poder represivo, pequeñas células de micropoderes que apelan a la denuncia, al chisme y su contrapartida, el complot; el imperialismo es siempre molar, grandioso y funde las células en circuitos mayores y extractivos: hemos pasado de la celda al panal, del microorganismo a la macroestructura.

La variante sexual es siempre microfascista en tanto la totalidad imaginaria del cuerpo reclama la parte fetichista de su particularidad: no se

desea un cuerpo, se desea un seno, una pierna, una cabeza, unos pelos, unos labios en el momento de la sonrisa, en el detalle del mohín, en la carnadura de una nalga, en la particularidad de una pose, de un giro, de aquello que marca *distintivamente* la imaginaria corporalidad de una completud. Perlongher eligió la parte imperialista del cuerpo: el pene que como proporción fálica abre la parte hacia la universalidad; todo debe ser dado proporcional y armoniosamente. El sexo clásico es *proporcional*, el sexo actual es *proposicional*, y en ello se esfuerza la poesía de Perlongher. Hacer de la parte un entero, hacer de un microfascismo un imperio: una nueva proporción áurea. El falo centra el poder del hombre y descentra el poder de la mujer. La universalidad fálica aquella que promete Diótima en su larga parrada, es la ilusión del hermafrodita, el dos unificado, el más allá del cómputo y de la comunicación; Diótima empieza a contar desde el Dos como Uno originario anticipándose a la “bi-sexualidad” freudiana; Perlongher cuenta a partir del Tres: el tercer estado, el tercer mundo, el tercer sexo.

Pero la dualidad es constitutiva del razonar y tiene su legitimidad simbólica, al nivel real genera un intersticio entre el Uno y el Dos. ¿Qué se encubre en ese sitio? El poder centralizador que tiene un sistema dual arborescente disciplina el régimen esquizo-rizomático del deseo, el objeto disciplina al sujeto, aunque no sea más que momentáneamente. La vagancia del deseo disimula el apetito de objeto, su fijación, aunque la meta sea errática. ¿Qué busca un homosexual en un hombre? ¿la mujer que éste desea o la mujer que quiere ser? Pero esto es constitutivo de todo lazo sexual, ser lo que otro desea en mi deseo, una verdadera industria del placer sexual forjada entre dos deseos. Pero cuando el homosexual dice que desea ser la mujer que deseó tener su madre de su padre, el deseo se vuelve temario en la función paterna, el “deseo de padre” es deseo de un engendramiento en posición fálica: el misterio de la homosexualidad es la heterosexualidad, el misterio de la maternogénesis es la paternogénesis. La política de la homosexualidad que subyace en el *Movimiento de Liberación Homosexual* de Perlongher, es reclamar los “mismos” derechos de los “Hombres”, y su alianza momentánea con las lesbianas es una alianza estratégica y no consustancial: la mujer quiere tener un hijo, el hombre quiere tener un hijo, los homosexuales quieren tener un hijo (en adopción), pero ¿cuál es el deseo del niño? El deseo del niño es “el deseo de niño”, un deseo de infante donde se juegan las obligaciones de la paternidad, todos los hombres, mujeres y niños (el triángulo envidiado, el triángulo odiado) es tener un “niño”. Si el deseo es siempre

pueril en sus variantes es porque allí se juegan las necesidades primordiales, la del sexo y la de la clase, desde el “niño proletario” (O. Lamborghini), al “niño rubito” (David Viñas), al “niño sin letras” (analfabeto) de Arturo (arturito) Carrera, al “niño diminuto” de Emeterio Cerro, al “niño asesino” de Silvina Ocampo, hasta el “niño funambulesco” de Perlongher. El niño no es un proyecto de hombre sino un otro distinto del hombre, su propia extrañeza. La disminución es un engaño biológico de la naturaleza, los niños no crecen, cambian para ser siempre los mismos. El deseo infantil no es el de crecer, ni siquiera el de reemplazar a su propio padre en el amor de la madre, sino ser al mismo tiempo madre y padre, y en la elección siempre querrán ser padres. El “nombre del padre” es cristiano y allí bebió Lacan, pero el “nombre de padre” es anárquico, licencioso y fuera del sortilegio de la enunciación. La incerteza paterna es primitiva, la certeza materna es material, pero la legitimidad no la dan ni la certidumbre del origen mostrada ahora científicamente (la biotécnica ayuda a la simbolización) ni la duda putativa sino la Ley. En el origen siempre hubo un padre.

El deseo incestuoso de la familia monogámica no se destruye en la poligamia, se acentúa y se diversifica. El deseo homosexual en la familia monoparental se contrae y se intensifica. La función paterna no tiene el espejo – femenino o masculino – en donde se ratifica. El hijo es el hijo y simultáneamente el amigo, el amante, el consorte, el otro-yo que internaliza el otro extremo de la pareja. Ocupar el lugar del dos desvinculado del lugar del Otro es el resumen imaginario de la maestría pederasta.

En las historias que cuenta Perlongher, la historia real de Chrisóstomo torna imaginaria la paternidad discipular y la probanza de la calidad de la disminución infantil. La historia del “menino sabra”<sup>6</sup> no es una disminución sino una exaltación de lo diminuto, que en el registro de Perlongher, alcanza al disminuido social, el pobre, el paralítico social, el analfabeto ciudadano, el cojo literario, el mudo escriturario, fuera del alcance de la Biblioteca pero fulgurante en su vocación de venganza, como los hambrientos y desarropados de Buñuel. El texto del “menino sabra” lleva al mínimo las desviaciones de Perlongher en las nuevas lógicas barrocas de la alimentación de la disminución, el niño-grande, el niño-padre, el niño-niña, el niño-objeto de la pederastia.

Las transformaciones alquímicas de Freud – como la mierda – refungen como oro en la transacción del don a la madre y quizás como trabajo,

<sup>6</sup> Néstor Perlogher. *Evita viva e outras prosas*. São Paulo, Iluminuras, 2001.

como fabricación cuando se ofrece al Padre – el Padre es siempre fabricante, la Madre siempre es industriosa, el Padre edifica, la Madre teje. Con la caída de la función paterna cayó también la fabricación de los relatos, con el ascenso de la fórmula Mujer, se aceleró la intriga de los cuentos de la Modernidad: la pederastia es siempre pedagógica pero necesita de un ambiente familiar y recoleto. En el nivel público se convierte en un “caso”.

La actividad política de Perlongher estuvo siempre limitada a los “casos” sociales o a los “casos” judiciales, como el de Chrisóstomo. El caso político fue Malvinas y su disputa de una acerba retórica por un lado y de una reflexión distanciada por el otro, en la Revista *Sitio* de Buenos Aires. El caso histórico fue Evita. El caso judicial es Chrisóstomo. La vida pública de Perlongher es la vida de sus casos. La vida íntima de Perlongher fue su literatura. La figura paranoica del homosexual pederasta (la Institución invalidaría esta promoción de la homosexualidad en provecho de la pederastia) es disimulada en una de las instituciones más prestigiosas del capitalismo, la Escuela y la Iglesia; por momentos sólo los ingleses muestran el ejercicio reglado de las castas de la enseñanza universitaria, el acceso a la madurez a través del Instructor, del Institutor o la Institutriz. Henry James muestra los dos polos del discipulazgo y del preceptor.

### **El estilo de Perlongher**

¿Cómo pensar el estilo y la retórica en Perlongher, sino por recuerdo o ensoñación?

Problema que se plantea cuando abordamos su obra; problema respondido en parte por sus críticos: Cangini, Rosa, Baigorria, Cambiasso, Chitarroni, Cristóbal, Echavarren, Ferrer, Kamenszain, Muschietti, Panesi, Siganevich. Estos aciertan y desaciertan, como era previsible frente a este objeto curioso, pero la tarea de la crítica no es acertar sino asumir la Obra como un material. Los críticos pueden elegir diversos elementos, sean estos estilísticos o sociales: como un discurso, como una muestra, como una verdadera historia de las Historias, como un efecto, como un resultado, como un ser viviente. Es claro que en la elección está la justificación pero también el riesgo. Es probable que se diga que la elección está determinada por la ideología del crítico, o incluso, por la ideología de los materiales teóricos y técnicos a emplear, y esto parece sensato, pero recordemos que la crítica como todo discurso tiene dos términos y por ende dos determinaciones, dos

entradas, dos mundos, el del crítico y el de la obra-autor, ambos enmascarados (qué otra cosa es la ideología sino una máscara social). En la relación entre estos dos mundos está el valor de la crítica.

Las críticas mencionadas no tienen el mismo valor ni social ni agregado en su producción. Precariedad de los juicios, porque esta obra es un objeto nuevo en la Literatura Latinoamericana que sostiene una lucha sorda entre innovación y renovación. Los “críticos sesudos bibliográficos” y también los “nuevos formalistas” presentan ciertas posturas que afirman de entrada su método, sus técnicas de análisis aferradas a los manuales de aplicación del referato que tiene cabida en los antros universitarios. Estos se verían inermes frente a esta obra en disolución, a este ventarrón americano que conmueve la brisa tropical de Manuel Puig y la ironía, quizá la sorna criolla de Borges. Sin embargo, los críticos de Perlongher que han elegido como motivo de su trabajo, por su misma deformidad lingüística, retórica o semántica, obras fuera del canon, productoras de enunciados teratológicos convierten el vicio gramatical en productividad contra la asemia.

La crítica quiere siempre sostener un objeto formal, cerrado y, si es posible, uniforme y el intento mayor es el de reducir la heterogeneidad del mismo, una operación de reducción que se pretende científica. Es verdad que la aplicación de principios teóricos, de esquemas de análisis y la fundamentación de estas operaciones dan lugar a estas servidumbres y los resultados, ya sean didácticos o experimentales, dependen de estos principios. Pareciera necesario renovar, modificar e incluso crear nuevos fundamentos para que puedan enfrentarse a “nuevos objetos”. El experimentalismo literario y artístico de las vanguardias permitió una modificación, pero no fue suficiente; la literatura, como campo de prueba de la experiencia humana, está siempre más adelantada que la teoría.

La poesía de Perlongher no sólo es inmune a estos principios; no los soslaya sino que los destruye por su propia conmoción. La poesía-ensayo de Perlongher – (el término bicéfalo es de Cangi, aunque nosotros lo usamos en otro sentido), no puede soportar las ilustraciones de la crítica en tanto genera simultáneamente su discurso y la fórmula de su crítica, no sólo porque a Perlongher le interesaba la teoría y su desmantelamiento, sino porque ella misma está embargada de una fenomenología y de una teoría del desastre inmovible a cualquier sanción científica. No habría una epistemología de la experiencia corporal sino una sensación y una mística; entre ambas se mueve, fulgurante y sórdida, la experiencia de este tratado de las sensaciones. En su propio palpitar crea nuevas formas, nuevas sintaxis, nuevos

horizontes teóricos, y hay que leerlos en las ráfagas, en los vientos y ventosidades, en las sacudidas, en los saltos, y sobre todo en las caídas de una fisiología de las sensaciones y de una anatomía desarticulada. La lengua del cuerpo es también el cuerpo como lengua que sume, babea, lame, muerde despojada del sentido, puro significante amorfo, un verdadero atentado contra la poesía rimada y ritmada. Esta escucha los latidos y ritmos del cuerpo y dice lo que ellos no pueden decir. La teoría hay que leerla en las vertientes y vericuetos moleculares, casi protónicos, desintegradores de la materia y al mismo tiempo en una vocalización que la vincula con el susurro, el sonsonete, las murmuraciones, *el decir nada del verso*. Si no se asume esta lectura, lo mejor es callar. La poesía de Perlongher no es un mestizaje, aunque lo sea, no es una mixtura, aunque la provoque, no es un híbrido, aunque lo convoque, es una desmesura y los parámetros críticos, términos, nomenclaturas, retóricas, valores, quedan fuera de campo, es decir quedan en el propio campo de la crítica y la desafían: la que se evade es la obra.

El trabajo más abundante es el de Cangí, producto de una investigación seria. ¿Lo desborda o lo bordea? Es esta la estrategia frente a esta obra, bordear el borde. ¿Cómo enfrentar la potencia de la obra, su movimiento, su circulación, su comercio con alguna otra obra, su trascendencia, la tan mentada relación del “Barroco” español, latinoamericano o argentino? ¿O la vinculación con escuelas, con cánones, con otras experimentaciones – un tratado de literatura comparada – la lleva a otros ámbitos convocando otras voces? Si la vinculación con el “barroco” debe apelar al propio autor y decimos “barroso” – lodos, barro, cieno, fango – todas materias y fluidos regionales, entre el río Paraná y el Uruguay, entre la historia argentina (la barranca) y la historia uruguaya (afluente narrativo paranaense). Todas estas geografías engendran una historia costera, alledaña, litoral, plataforma de la poesía fluvial de Juan L. Ortíz y de la otra vertiente del río, la poesía cenagosa de Perlongher, anegados por el limo amazónico y vegetal de la *língua* franca brasileña, el obsceno portuñol. Inaugura una poesía de cruce. Si la mención argentina dentro de la geografía poético-política y su desorganización formal sintáctica y letrística (esto le viene del modernismo brasileño, la poesía de las vanguardias argentinas es más fónica; Girondo es una excepción; la brasileña, más icónica) nos lleva a una encrucijada. Y si la pensamos a esta poesía como un “animal vivo”, una negación retórica de la literatura, entre “barroco” y neomodernismo, entre “niños y adultos” (entre Gombrowicz y César Vallejo) entre idioma nacional y parlería paulista, entre usos y desusos (neologismos y anacronismos), el animal late, transpira,

palpita como un pez surubí en el instante mismo de convertirse en pescado mochuelo en la costa oeste del Paraná Medio. Poesía de cuerpo (huesos, vértebras, órganos), poesía de jugos (sudores, lágrimas, semen, sangrías), es una poesía litoral que desdeña lo capital. La poesía elige el barro lagunoso del Paraná y desdeña la atracción de un mar imaginario, el mar dulce.

Cangi, en otros intentos, señala el peso de la tradición (la libertina en particular: Sade, Láclos, Rétif de la Bretonne y algo “apesadumbrado” Rousseau, quizá el de *La Nueva Heloísa*), y al nivel ensayístico Guattari, Deleuze, Maffesoli, los innovadores. Las novelas libertinas son tratados de educación de los sentidos, son civilizadoras, burguesas y didácticas, son morales. Los textos de Perlongher son inmorales, no marcan conductas sino desenfrenos, no señalan reglas sino extremidades, no elaboran formas del lenguaje, sino que las desautorizan, las destruyen. Es verdad que la atracción por las formas heterogéneas, deletéreas, teratológicas, son una manera incuestionable que marca el borde de la Ley, pero por eso no la niegan sino que la confirman. El fuera de Ley, de la ley simbólica (el hermafrodita), de la ley del sentido (la esquizofrenia lingüística) y de la ley antropológica (dos sexos) no constituye una revolución sino una rebelión, que tarde o temprano certificará la anomalía.

El sujeto se inviste en el vestido y en él queda retenido. Si desde el punto de vista placentero, la vista de la desnudez puede resultar sexualmente provechosa, la vista del cuerpo vestido siempre promete el deseo de la desnudez, del desvestido. Y más de la promesa imaginaria, el vestido dice del hombre su radical superficialidad, vestidos con lujos y andrajos, siempre producirá la atención de los otros en la diversidad de la homogeneidad de la moda. La pregunta sería ¿un hombre desnudo sería un hombre? En la vestidura está el secreto, no del frío o del calor, sino de la interioridad en la exterioridad. El travestido es irremplazable, la desnudez es irrisoria, en ellos, entre ellos, se juega el enigma de la cultura. ¿Cómo interpretar el mandato bíblico, el horror a estar desnudo a partir del pecado? Los niños envidian los vestidos de los padres y más allá de las distinciones anatómicas, se disfrazan con los vestidos de los padres. Y estos son padres porque están vestidos. Cuando el hombre elige un traje de mujer no es una mujer, sino el disfraz de la mujer; cuando la mujer elige el traje masculino, elige el disfraz de hombre.

Cangi señala y cita a Bataille<sup>7</sup> para indicar el goce del desvestido con una marca muy clásica (la ebriedad horaciana): “el gozo que despoja del ves-

<sup>7</sup> *Lo arcángelico y otros poemas*. Madrid, Visor, 1982.

tido y el vino que hace reírse de no estar ya vestido”. Y el goce del vestido (hombre), del travestido (otra humanidad), del investido (el poder emana del vestido) ¿y si el disfraz es doble? Si el hombre se tramita en el ropaje femenino para la seducción ¿qué significan los cosméticos, los lunares, las pelucas, los trajes militares, religiosos, ceremoniales y profanos? Cuando ese personaje excéntrico, el Abate de Choisy, en sus memorias *Vestido de Mujer* señala con prolijidad los componentes de su transformación de hombre a mujer a través de sus vestidos, desde la toga eclesiástica hasta los atuendos femeninos más suntuosos, marca dos elementos sorprendentes: la constante perforación de las orejas para llevar coquetamente sus pendientes modestos cuando visita al pueblo y los burgueses, y pendientes de diamante cuando visita hogares nobles. La perforación es también una modificación vestimental, propia de los pueblos primitivos y de la orografía corporal de la juventud contemporánea, pero simultáneamente una marca de clase. El rey, para ser rey, debe estar siempre vestido. El transformismo poético de Perlongher hace que las Cholas sean cholos, las reinas sólo sean reinas del carnaval, y los *chomas* sean *jermu*:<sup>8</sup> inversión de las vestimentas y contraversión de la asignatura.

El volver al estilo es el sustrato de la lírica lumpen de Perlongher. Pero el volver al estilo no significa recuperar o retornar a considerar el estilo como marca mayor de un género o de una obra. Perlongher se vuelve estilo en su programación literaria. Todos quieren tener estilo, algunos, los menos, lo consiguen, otros imitan el estilo de otros, lo desandan: hay quienes creen que escribir a vuela pluma – imagen volátil – es perseguir el significado en lo que escriben. En realidad, el significado nada dice, lo que dice es el estilo cuando dice el significado. Perlongher hecho todo estilo, combustionado por sus propios accesorios – mitemas, usos, imágenes, metáforas, hábitos barriales – se vuelve y al volverse nos envuelve en una loca carrera de significantes apresurados. Para bien o para mal, el estilo se vuelve inalcanzable en trastornos fugaces. Trastornar la lengua es el designio de esta poesía. Volver al estilo convoca la pregunta ¿cómo qué? ¿como digresión? y esta es la escritura de Perlongher, pero no toda su escritura; ¿como anacoluto? Bueno, es una manera de decir la fuga de los significantes hacia destinos ignotos: ¿como marca de estilo? y esto produce una incomodidad; cuando se dice marca, se dice registro, se dice señal, huella, y en el caso Perlongher – uno entre otros casos: el menino sabra, el Gran Caso Eva Perón, el caso Malvinas, restos substraídos

<sup>8</sup> Términos en lunfardo: choma (hombre), jermu (mujer).

de la historia general –, cicatriz o estigma. La fluencia del significante quiere desembarazarse del estilo o convertir al estilo en una monstruosidad de la lengua (Klossowski), un verdadero estilo bruto atacando tanto al significante como al referente (Barthes). El estilo de Perlongher es sin estilo, puro desgaste en el engaste, una devaluación de lo sólido, una disolución del cuerpo sin órganos, una pulsión de cuerpo auto-biografiado.

Entre el tono y el decir se entreveran varias intrigas, la del verso, la de la rima, la de la versificación, la del tacto, la del olfato, la de la piel, la de lo burlesco, la de volverse gauchesco del significante. El decir apela al sentido, el tono al carácter, ambos a la energía. La tan notoria y repetida fórmula, fuerza expresiva, en su banalidad algo querrá decir, por ejemplo del discurrir discursivo, su fuerza persuasoria, encantatoria, la potencia del habla para hacer decir, reír y escandalizar, para enjuiciar pero también para injuriar. Esa potencia en Perlongher tiene dos efectos: la tragicidad que es el reír (el enunciado imperativo que subyace en el hazmerreír) y el enunciado esquizofrénico de la lengua (todo pierde sentido en la vorágine de la fuga, de las migraciones significantes).

Los tres modos imaginarios de estas migraciones, marcados por la marca mayor de lo real del sexo, son una síntesis conclusiva (el significante se detiene para cobrar fuerza), una síntesis disyuntiva (el significante en su exceso pierde la ruta y no sabe adónde ir), una síntesis conjuntiva (el significante simula que es un significado para concluir en un simulacro, respira, late, palpita, apenas descansa en imágenes congeladas, en metáforas cristalizadas de la tradición poética española y latinoamericana, para luego reemprender la “loca carrera”).

Quizá esta escritura – sus varios acoplamientos – remeda y es el habitus sexual, la respiración entrecortada del coito, las respiraciones y exhalaciones del abrazo sexual, todos hálitos sexuales, engastados en el cuerpo político. El cuerpo político es el cuerpo dispuesto a abrazar o a asesinar a otros que son siempre cuerpos cercanos.<sup>9</sup> Cangí vincula acertadamente esta ética que subsume la estética, no en el sentido en que le da Kierkegaard, sino en el de la insumisión del cuerpo y sus afectos renegando de cualquier totalitarismo del espíritu que exige una genealogía de esta ética: Nietzsche, Foucault, Guattari, Deleuze, Debord, (la situación y el acontecimiento enfrentados a la estancia e identidad dominantes, la deriva frente al sedentarismo exclu-

<sup>9</sup> Nicolás Rosa. *Los tratados sobre Néstor Perlongher*, op. cit.

yente). El desborde del *ghetto* es la salida del encierro, la destitución de la claustrofobia, el deslinde de la centralidad homofóbica hacia la deriva deseante. El flujo pasional, serial, es complementario de la deriva, del tránsito y califica al sexo ciudadano y por ende al sexo político: la política del encierro (sótanos, mazmorras, cárceles, presidios y asilos) se opone a la política de la deriva como la política de la ciudad-tránsito se opone a la política del campo-travesía, pero siempre asomará el problema y Perlongher lo sabía: ¿la liberación de la represión social libera la energía y la despilfarra, o la represión es necesaria para la constitución de esa energía como energía resistencial? Y en otro nivel, la tendencia puritana de ciertos movimientos revolucionarios (la revolución americana, el comunismo soviético y la insurrección armada latinoamericana) ¿es el momento negativo de la liberación?, ¿es represión o ahorro de energía puesta al servicio de otros fines y no necesariamente la sublimación? El estado preceptivo del cuerpo es la anterioridad del estado receptivo y propone a posteriori hacia el compuesto imaginación-afección, un estadio móvil, transitorio, propicio tanto al acontecimiento de palabra como al acontecimiento sexual. La tipología deleuziana (una topología móvil en donde lo bajo atrae lo alto, la superficie a lo profundo, la planicie al sótano, y lo liso a la plegado) nos permite, podemos concluir, que el resorte atractivo se realizará por diversas fuerzas atractoras y distintas energías (la fuerza física, fuerza económica y economía de las fuerzas, energía libidinal, energía circulatoria, verdadera tramitación en el callejeo ciudadano). En esas calles, callejones, entradas y salidas, pasajes y avenidas se gestionan y autogestionan variaciones políticas: una lengua jurídica – la del Estado –, una economía pedagógica – la de la Escuela –, una legislación penitencial – la de la Policía –, o alfabética – la del Diccionario –, una lucha entre territorios de lenguas en oposición a “lenguas bárbaras” o lenguas del desvío, lenguas fronterizas, enloquecidas, lenguas en acecho, ya no lenguas de inmigrantes sino lenguas migrantes, que se suben a la cabeza.

### **Conclusión (de vida)**

Perlongher muere de Sida. Este hecho permitió que se intentase revalorar su existencia y su obra desde esta perspectiva. El intento no es desdeñable si pensamos que una vida se justifica a partir de la muerte. Cuando uno muere de cáncer o de Sida – enfermedades terminales y sin

solución posible – el extremo final reactualiza las acciones, los momentos, las vicisitudes, las tareas de un transcurso. Generalmente eso se llamaba, con una metáfora realista si es que las hay, balance. El grave problema es que el balance se realiza sin la presencia del sujeto. En el caso de que las tareas sean escritos, textos, escritura, parece más sencillo, tenemos un cuerpo muerto (corpus) que podemos revivir con la lectura. Pero si la prueba del examen es la vida, la escritura será un pálido reflejo engañoso (y la vulgaridad del estereotipo sería magnífica para Perlongher) de lo que la obra fue en su construcción, en los avatares pulsionales que la sostuvieron, en las animadas pasiones que la produjeron e incluso en las conjeturas deseantes que se manifiestan en ella. Todo está claro en Perlongher: poeta, ensayista, teórico del deseo homosexual, político, militante de causas anarquistas, animador ferviente de causas semiperdidas, sólo rescatables históricamente. Previó un futuro – incierto como todo futuro – de la causa de los movimientos minoritarios en estas tierras.

Su pasión por filosofar – decir palabras con un peso metafísico para incidir en la realidad política – lo hicieron un aventurero del pensamiento. Pero la materia tanto de su pensamiento – siempre en perpetua disolución afectiva – como la de su poemario – otra palabra estragada del diccionario de la poesía y que quizá la comparta con Alfonsina Storni – son materias insolventes en el nivel retórico precisamente porque son disolventes en la pluralidad de sus accesos y caminos. Si como se ha dicho – y todo el mundo lo dice – ciertos fenómenos del comportamiento sexual de la contemporaneidad se han vuelto políticamente visibles, los gays son una fuerza política y al mismo tiempo una cultura asimilable o no, según las prácticas políticas, a los grupos lésbicos y a la cultura lésbica. Y cada uno de estos grupos políticos se desmembran en otros grupos, grupúsculos, microgrupos, que se enlazan teóricamente en las culturas minoritarias y políticamente en la asunción de una marginalidad controlada. ¿Es efecto de la participación contemporánea de las reivindicaciones sectoriales ajenas a las reivindicaciones de clase? o, en el caso de la “cultura gay” (los “queers” americanos) ¿es particularmente una sectorización mayor del sector menor? Las distinciones contemporáneas entre “género” y “gendre” no explican mucho. El predominio actual – que viene de ciertas interpretaciones psicoanalíticas, sociológicas y antropológicas – sobre la identidad y la promoción de la diferencia, incluso desde el punto de vista filosófico, son altamente diversas y no alcanzan para percibir la calidad del fenómeno.

Perlongher, en sus manifestaciones políticas acertó en proponer una cultura y una política del uso de los cuerpos en su articulación marxista con

el régimen del poder y la libertad, pero sucumbió al prestigio de la identidad (movimientos identitarios) y al presunto poder político de la reivindicación de la “diferencia”. Entre distintividad y diferencia se juegan problemas filosóficos, matemáticos y políticos. No se pudo reivindicar la *diferencia* (“lo mismo de lo mismo”), sino lo *distinto* (“lo otro de lo uno”). Y en nuestra versión, si el misterio de la homosexualidad es la heterosexualidad, el único género distinto son los heterosexuales al que todo el mundo quiere pertenecer. Porque es verdad que nadie sabe a ciencia cierta cuál es el deseo heterosexual. El deseo de pene es deseo homosexual, el deseo de falo es deseo masculino-femenino; en esta disimetría se juega el destino de las pasiones sexuales.

La genealogía de las enfermedades se recupera en el registro imaginario, los efectos en el plano de lo real. La peste fue siempre pensada como intruso en tanto venía de afuera, venía de *Melos* y reconcentraba el peligro de la invasión exterior y como la guerra del mundo antiguo, sitiaba. El sitio es el recinto que dibujan las enfermedades peligrosas: la peste, donde confluyen los mitos griegos (el de Edipo, el de Tiresias), los libros del Antiguo Testamento, y la literatura clásica desde Anacreonte, Safo, Virgilio). La peste viene siempre de afuera (como la peste negra, la peste bubónica, la lepra, la fiebre amarilla, la sífilis, el Sida – la peste rosa, el síndrome de Capoci en sus comienzos – es siempre un enemigo externo que prefigura la guerra intestina. Todas las enfermedades, como ruptura del sistema interior del cuerpo, son degradantes en el nivel real pero cobran una significación distinta en el nivel imaginario. La peste genera la plaga, los virus el contagio y los virus informáticos revelan el procedimiento fundamental: la avería del sistema, su enfermedad y la muerte... del mismo apelando a una metáfora corporal (el cuerpo es un mecanismo que puede ser atacado por disturbios internos o externos). Al nivel psíquico, la pulsión sexual es la enfermedad del aparato, un verdadero cataclismo que no alcanza a ser revisado por la sublimación. Las pulsiones del Yo estaban equipadas para la organización del metabolismo psíquico sin obstáculos, pero la enfermedad sexual provocó su deterioro. La tuberculosis viene de adentro, es una enfermedad interior, íntima, romántica. Toda la literatura de la época, más allá de su recrudescimiento actual por la pobreza, elabora la mística de la consumición en relación con los disturbios melancólicos, es básicamente una enfermedad de los sentidos y sexual, desde Dumas (*La dama de las camelias*) hasta Manuel Puig (*Boquitas pintadas*) pasando por la experimentación más aguzada, la de Kafka y la de Tomás Mann (el sanatorio de Davos en *La montaña mágica*). La relación entre enfermedad y sexualidad también se revela en

la constatación de la sintomatología: decaimiento, por momentos desfallecimiento, palidez, por momentos lividez, y en el clímax, vómitos sanguinolentos. La espera de la anunciada es una anunciación amorosa. El montaje de la retórica de la enfermedad se vincula, en el otro extremo, con la enfermedad nerviosa por la histéresis y sus modulaciones futuras, es una enfermedad de los elementos superiores del cuerpo sin disminución de las facultades intelectuales. El cáncer no es una enfermedad, no se sabe si viene de adentro o de afuera, es una modificación incontrolable de las células: ¿deterioro o crecimiento, modificación o transformación? Ya no es una peste sino una conversión del cuerpo humano quizá sujeto a la teoría de la evolución darwiniana. Sus efectos literarios son pobres porque el relato no encuentra elementos narrativas para figurarla: sólo el dolor. La tuberculosis no es una enfermedad hereditaria, pero hay familias con predisposición, como las de las Brönte, la de Keats, Emerson, Thoreau. El cáncer es extemporáneo y como el Sida está en contra del triunfalismo bioético. *Son enfermedades a muerte* y tienen sus propias retóricas existenciales y sus propios sistemas de narración. Perlongher escribió sobre el Sida cuando sabía que tenía Sida, pero la transformación de su poesía desde lo real del sexo a la rosa mística se encarna en un género biunívoco, bisexual, pero no andrógino: sus poesías no son una metáfora sexual, son sexo caliente: eso incomoda y quizá no haya lenguaje crítico para señalarla. Es evidente, que la ciencia de los deseos está perturbada por el avance del Sida, así como la territorialización geográfica y la virtualidad contemporánea están afectadas por esta nueva invasión entendida como flagelo. Se ha dicho mucho sobre las enfermedades sexuales como castigo divino, pero en lo real de la ciencia aparece como enigma. De todas las enfermedades sexuales, el Sida es quien ha generado un campo fantasmático que duplica lo real y al mismo tiempo ha modificado, en parte, las políticas y los comportamientos sexuales. Primero, sirve como chivo expiatorio de sectores sociales marginados de la sociedad (la aparición de un caso de Sida en ambientes intelectuales sorprende no tanto por razones morales sino por razones higiénicas aunque corrobora cierto desenfreno propio de la invención), pero también como espléndida razón estética de la homosexualidad, de la democratización de la muerte y reorganiza imaginariamente el paradigma sexual: el sexo de clase, el sexo proletario, el sexo de grupo, el sexo lumpen, el sexo femenino-masculino, y promueve el imperialismo sexual de los europeos y de los americanos que ponen siempre el deseo y el placer afuera, entre la furia libertina de los africanos y la

ambigüedad misteriosa asiática. El retiro, parcial, del imperialismo político-económico europeo, fue reemplazado por el imperialismo sexual y la colonización subsecuente: la carne africana, la carne oriental, es distinta, es más barata y sobre todo más exótica: el viaje sexual de Loti, de Gide, de Tennessee Williams, de Henry Miller, de Paul Bowles, Gertrude Stein, de Roberto Arlt, e incluso de Perlongher: ¿qué esperan encontrar al final del camino en la deriva deseante sino otro camino? Estos viajeros yuxtaponían el sexo imperial con el sexo colonial que emigra sobre el campo fantasmático de la familia burguesa nuclear, lugar de las sevicias más ultrajantes en nombre de la autoridad, repitiendo históricamente el antiguo temor judaico frente al Padre. La tiranía del pene confinada en un vínculo al nivel social que provoca horror al contagio, temor al virus y conmiseración (pietismo hospitalario), en el nivel imaginario, es una disposición de los sujetos a contraer el mal: esa disposición se llamó pecado y la enfermedad castigo, y ahora la llamamos higiénicamente predisposición. La sífilis preparó al Sida, como antes el cólera a la oriental fiebre amarilla (el mal viene siempre del Asia como la “gripe asiática”). Desde el *Decamerón* (Boccaccio) hasta la novela familiar del siglo XIX (Balzac, Flaubert, Ibsen – *Espectros* –, Sicardi, Podestá, Cambaceres), la novela “perversa”, el folletín pornográfico,<sup>10</sup> preparan el retiro y el aislamiento para prevenir el contagio y fomentar la creación en soledad. Si el romanticismo romantizó la locura y por ende la creación paranoica, si la novela negra y la gótica histerificaron el espacio féerico del relato, la novela realista usó la narración como campo experimental de las enfermedades sociales y el desmedro de los fines altruistas y puericulturales de la procreación: la enfermedad como castigo somático. Entre Sodoma y Gomorra, el Sida comprometió a todas las naciones y a todos los hombres, aunque prosperó en las regiones pauperizadas. “Viva el cáncer” que los enemigos de Perón usaban ante la muerte de Eva, insultados por el prepotente rencor clasista ante el cuerpo maldito y lumpen de la nación, fue la bandera trotskista de Perlongher. El caso Malvinas y su erotización, fórmula estadística de los Kiers (homosexuales malvinenses) y de los Gurkas, mitos sexuales de la erotización de la guerra cuerpo a cuerpo, fue una lucha política en contra el sexismo y de la psicologización de las costumbres sexuales; el caso Chrisóstomo fue una lucha en contra del progresismo y la familia edípica y

<sup>10</sup> Marc Angenot. *Le cru et le faisandé. Sexe, discours social et littérature a la Belle Epoque*. Bruxelles, Editions Labor, 1986.

contra el Derecho Patriarcal como protagonista de la gran narración occidental y cristiana.

Cangi establece con coraje intelectual una lógica de la crueldad que proporciona una ética compulsiva. La tensión entre las leyes del cuerpo y las leyes de la ciudad, entre ética y moral es extrema, como es extrema la improbable e inquietante relación entre política y ficción, salvo que como en el caso de Néstor Perlongher, esa ficción sea en realidad una ficción anatómica del cuerpo político.

### **Bibliografía**

- Angenot, Marc. *Le cru et le faisandé. Sexe, discours social et littérature a la Belle\_Epoque*. Bruxelles, Editions Labor, 1986.
- Bersani, Leo. *Homos*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- Cangi, Adrián. "Ardiente oscuridad", en Cangi, Adrián & Siganevich, Paula (comp.). *Lúmpenes peregrinaciones*. Rosario, Beatriz Viterbo Editora, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Insumisión y subjetividad en la obra ensayístico-poética de Néstor Perlongher*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001. (Tesis Doctoral)
- Deleuze, Gilles. *Logique du sens*. Paris, Ed. de Minuit, 1969.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. *L'Anti-Oedipe. Capitalismo et schizophrénie*. Paris, Ed. de Minuit, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Milmesetas. Capitalismo y esquizofrenia*. Valencia, Pretextos, 1988.
- Eco, Umberto. *Cinque scritti morali*. Milano, Bompiani, 1977.
- Maffesoli, Michel. *El tiempo de las tribus*. Barcelona, Ed. Icaria, 1990.
- \_\_\_\_\_. *L'Ombre de Dionisos. Contribution a une sociologie de l'orgie*. Paris, De Méridiens, 1982.
- Negri, Tomás & Guattari, Félix. *Las verdades nómades. Por nuevos espacios de libertad*. Donostia, Gakoa, 1996.
- Perlongher, Néstor. *Prosas Profanas. Ensayos 1980-1992*. Orgs. Christian Ferrer y Osvaldo Baigorria. Buenos Aires, Colihue, 1997.
- \_\_\_\_\_. *El fantasma del Sida*. Buenos Aires, Ed. Puntosur, 1998.
- Rosa, Nicolás. *La lengua del Ausente*. Buenos Aires, Ed. Biblos, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Los tratados sobre Néstor Perlongher*. Buenos Aires, Ed. Ars, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Usos de la literatura*. Valencia, Universitat de Valencia, 1999.
- Sontag, Susan. *La enfermedad y sus metáforas y El Sida y sus metáforas*. Madrid, Santillana S.A./ Taurus, 1996.

- Watts, Sheldon. *Epidemia y Poder. Historia, Enfermedad, Imperialismo*. Santiago de Chile, Andrés Bello, 1997.
- Wener, Silvana. "Los avatares de la indisciplina", en *El Sida en la Argentina. Epidemiología, subjetividad y ética social*. Buenos Aires, Ed. Arquetipo, 1999.
- Zagdansky, S. *Le sexe de Proust*. París, Gallimard, 1994.

CUADERNOS DE  
**RECIENVENIDO**

- 1 ANTONIO MELIS**  
José Carlos Mariátegui hacia el Siglo XXI
- 2 MARIO GONZÁLEZ**  
*Celestina*: o diálogo paradójal
- 3 EDWIN WILLIAMSON**  
La trascendencia de la parodia en *El Quijote*
- 4 ROXANA PATIÑO**  
Intelectuales en transición. Las revistas culturales argentinas (1981-1987)
- 5 NICOLAS SHUMWAY**  
La imaginación tribal: Raúl Scalabrini Ortiz y su reconstrucción de la tribu argentina que nunca fue
- 6 EDUARDO SUBIRATS**  
Conversión e invención: dos visiones del Nuevo Mundo
- 7 BLAS MATAMORO**  
América en la torre de Babel
- 8 EDWARD C. RILEY**  
La singularidad de la fama de Don Quijote
- 9 MARKUS KLAUS SCHÄFFAUER**  
La 'farmacia' del *diálogo criollo*: la innovación de un género a través de la oralidad
- 10 RICARDO PIGLIA/ DAVI ARRIGUCCI JR./ PATRICIA ARTUNDO**  
Borges100
- 11 EDGARDO COZARINSKY**  
Borges: Un texto que es todo para todos
- 12 RICARDO PIGLIA**  
Borges: El arte de narrar
- 13 INÉS AZAR**  
La imaginación de lo real en *El Quijote*
- 14 JUAN JOSÉ SAER**  
Sobre literatura
- 15 CHRISTOPHER F. LAFERL**  
Babalú y Siboney.  
El discurso sobre el otro en la música popular cubana antes de la Revolución
- 16 BRÍGIDA PASTOR**  
Transmutaciones de género en el cine de Almodóvar: *Mujeres al borde de un ataque de nervios*
- 17 JESÚS J. BARQUET**  
Cervantes en el diálogo alegórico de *Clavileño* ante *Espuela de Plata*

Todos os números estão reproduzidos eletronicamente no seguinte endereço:  
[www.fflch.usp.br/dlm/posgraduacao/espanhol](http://www.fflch.usp.br/dlm/posgraduacao/espanhol)

***Correspondência***

**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS – FFLCH/USP**

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403  
Cidade Universitária  
05508-900 – São Paulo-SP – Brasil  
Tel: (5511) 3091-4296  
Fax: (5511) 3032-2325  
e-mail: dlm@edu.usp.br

***Vendas***

**LIVRARIA HUMANITAS-DISCURSO**

Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária  
05508-900 – São Paulo-SP – Brasil  
Tel.: (5511) 3091-3728/3091-3796

**HUMANITAS-DISTRIBUIÇÃO**

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária  
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil  
Telefax.: (5511) 3091-4589  
e-mail: pubfflch@edu.usp.br  
<http://www.fflch.usp.br/humanitas>

<i>Título</i>	<b>CUADERNOS DE RECIENVENIDO /18</b>
<i>Projeto Visual e Capa</i>	Isabel Carballo
<i>Ilustração da capa</i>	Norah Borges, <i>Ajedrez</i> , 1922.
<i>Coordenação editorial</i>	Maria Helena G. Rodrigues - MTb 28.840
<i>Diagramação</i>	Selma M. Consoli Jacintho - MTb 28.839
<i>Revisão</i>	Gênese Andrade
<i>Divulgação</i>	Livraria Humanitas-Discurso
<i>Mancha</i>	12,9 x 19,3 cm
<i>Formato</i>	16 x 22 cm
<i>Tipologia</i>	Bookman Old Style e BauerBodni BT
<i>Papel</i>	off-set 75 g/m <sup>2</sup> e cartão vergê branco 180 g/m <sup>2</sup>
<i>Impressão da capa</i>	Preto e Pantone 156
<i>Impressão e acabamento</i>	Gráfica - FFLCH/USP
<i>Número de páginas</i>	52
<i>Tiragem</i>	800 exemplares

**Néstor Perlongher** (Avellaneda, 1949 - São Paulo, 1992) - escritor e poeta - foi aluno de doutorado da Área de Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo, professor de Antropologia na Universidade Estadual de Campinas, ganhador do Prêmio Boris Vian de Poesia (1987) e bolsista da Fundação Guggenheim (1992).

De suas várias vertentes (poeta, militante homossexual, político engajado por meio da ficção, jornalista, antropólogo e místico envolvido nos rituais do Santo Daime), destaca-se como uma das vozes mais originais da poesia latino-americana de fins do século XX. Publicou no Brasil grande parte de sua obra poética, hoje reunida em *Poemas completos, 1980-1992* (Buenos Aires, Seix Barral, 1997) e na antologia bilingüe *Lamê* (Campinas, Ed. da Unicamp, 1994, trad. Josely Vianna Baptista). Foi também o organizador da antologia *Caribe Transplatino, Poesia barroca cubana e rio-platense* (São Paulo, Iluminuras, 1991) e autor de um livro de antropologia, *O negócio do michê* (São Paulo, Brasiliense, 1984). Após sua morte prematura, sua vida e obra foram temas de livros de homenagem, traduções, coletâneas de textos dispersos e teses universitárias.

Sua biblioteca pessoal foi incorporada ao acervo da Biblioteca Central da FFLCH-USP e da Biblioteca do IFCH-UNICAMP. O Arquivo Néstor Perlongher, que reúne manuscritos e vasta documentação, encontra-se hoje no CEDAE-UNICAMP.